

5º Congresso Rio de Educação – 2007

Palestra: Preparando os Jovens para a Vida

Palestrante: Carlos Feijó

Segundo a UNESCO, os eixos da educação no século XXI serão: aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver juntos; e aprender a ser. Nesta palestra tratarei dos dois últimos pontos: aprender a conviver juntos e aprender a ser. Vamos sair do âmbito da educação pedagógica para abordar alguns aspectos da questão da educação social dos alunos. Há uma série de fenômenos ocorrendo nos nossos dias que merecem uma reflexão mais detalhada dos educadores. Cada vez mais, as salas de aula estão cheias de alunos mal-educados, e os professores se deparam com o grande dilema de lidarem com jovens despejados na escola por suas famílias, que, por sua vez, alegam não ter tempo para educar seus filhos e exigem que a escola o faça. O que constatamos, entretanto, é que os professores não estão preparados para isso. Nós, educadores, já encontramos dificuldades para acompanhar o processo de atualização e especialização dos métodos pedagógicos, quanto mais estarmos preparados para dar conta dessa questão da educação social.

Outro fenômeno recente que contribuiu para esse quadro, ocorrido há cerca de duas gerações, foi a libertação da mulher do papel exclusivo de dona de casa e seu ingresso no mercado de trabalho. Nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, é menos comum as crianças serem educadas pela figura da mãe que ficava em casa, enquanto o marido trabalhava, e transmitia os valores socioculturais, além de cumprir as tarefas domésticas. Hoje, muitas crianças são educadas por terceiros (babás, empregadas, vizinhos, irmãos mais velhos, etc), pois, em muitos casos, seus pais saem para trabalhar muito cedo e voltam para casa quando elas já estão dormindo.

Uma pesquisa realizada pelo INEP em 2006, em parceria com a UNESCO, aponta que as principais dificuldades dos professores em sala de aula são: manter a disciplina (22%), motivar os alunos (21%), fazer avaliações (19%), manter-se atualizado (16%), escolher a metodologia (10%). Observemos que os dois itens mais citados (que totalizam 43%) demonstram que os professores despendem um índice muito elevado de sua energia para assegurar a disciplina em sala de aula. Se nós pudéssemos diminuir esse quadro, estaríamos voltando nossas energias para a tarefa mais nobre da educação institucional. Ainda mais preocupantes são os dados de uma outra pesquisa realizada, também em 2006, em escolas públicas de 14 capitais brasileiras mostrando que 47% dos professores já foram xingados e 11% agredidos em sala de aula. Esse fenômeno assustador deu origem a um processo também preocupante: o professor está abrindo mão de sua atribuição como educador para se limitar a dar matérias.

Mas o problema da indisciplina e da violência não pode ser generalizado, existe em algumas escolas e em algumas salas de aula. É preciso que os professores avaliem sua relação com o grupo de alunos com o qual lidam. Conheci casos em que dois diferentes professores, trabalhando com a mesma turma, obtiveram resultados inteiramente díspares com os alunos: aquele que interagiu com o grupo de maneira aberta e compreensiva ganhara o afeto dos alunos, enquanto que o outro agia de forma ríspida, grosseira e antipática, sendo hostilizado. Proponho, então, uma reflexão, calcada em conceitos da psicologia, a respeito de como somos e de como são nossos alunos. Meditemos sobre a seguinte afirmação de Carl Jung, o famoso psicanalista suíço: “Só quando sofremos o choque de nos vermos como realmente somos, e não como gostaríamos ou

esperançosamente presumimos ser, é que poderemos dar o primeiro passo na direção à realidade individual”.

Por que somos como somos? A personalidade humana, formada essencialmente entre a gestação e o quinto ano de vida, é constituída por dois pólos distintos: o temperamento (fruto da carga biológica individual) e o caráter (resultado da experiência e do aprendizado). No que se refere ao temperamento, a tendência é que nos enquadremos nas seguintes características: seremos mais tímidos, ou mais ousados, ou mais otimistas, ou mais melancólicos. Essa é, inclusive, a única explicação encontrada pela ciência para definir casos de irmãos gêmeos, por exemplo, que apresentem características de comportamento muito diferentes. Nós, educadores, precisamos compreender isso. Não há como fazer com que uma classe seja uníssona, tenha o mesmo comportamento. Após constituída a personalidade, as pessoas apresentarão tendências a serem do tipo A (mais rígidas, perfeccionistas, competitivas, tensas, agressivas) ou do tipo B (flexíveis, não competitivas, não críticas, não exigentes, menos estressadas).

Vamos, agora, tentar compreender as origens do comportamento anti-social - e aqui me refiro a um tipo intermediário, mais relacionado à indisciplina e à agressão verbal. Um claro fator gerador de conduta hostil é a agressão contra crianças. Quando são humilhados, excluídos e apanham, os jovens apresentam forte tendência a desenvolver comportamento anti-social. A rejeição de uma criança constitui outro fator que gera agressividade. A ausência dos pais desperta a revolta e as leis de sobrevivência social fazem com que se manifeste, até por retaliação dos jovens, a violência. E essa violência não é exclusiva das populações mais carentes, de favelados. Conhecemos uma série de casos ocorridos nas classes mais elevadas.

A superproteção também gera comportamento anti-social. E, às vezes, em índices muito mais intenso do que a agressão e a rejeição. Os efeitos da superproteção são gravíssimos para o desenvolvimento de um filho. Superproteger é fazer pelo filho aquilo o que ele poderia e deveria fazer sozinho. Muitos pais assim se comportam por conta do sentimento de culpa por se sentirem ausentes da educação de seus filhos. Ocorre, entretanto, que o indivíduo superprotegido não desenvolve os mecanismos, as defesas para lidar com as frustrações. E as frustrações fazem parte da vida. Nós, educadores, testemunhamos, nas nossas escolas, os resultados negativos dessa prática. Muitos alunos pensam que podem tudo, que tudo é permitido, e temos a obrigação de mostrar que existem regras para serem cumpridas.

Faz-se necessário falar um pouco sobre coerção e coação. Desde a natureza até os sistemas de códigos jurídicos de diversas sociedades, vivemos sob um conjunto de restrições e coerções que limitam nossas ações. A escola não é exceção: trata-se de um ambiente extremamente coercitivo. O atraso, a inadequação do vestuário, o excesso de faltas, o desempenho escolar deficiente - tudo isso é passível de punição. São regras coercitivas instituídas para fazer com que as pessoas cumpram o estabelecido. Mas o indivíduo que só se movimenta porque é ameaçado tem a tendência a desenvolver mecanismos de defesa, como a fuga e a esquivas. Se esse indivíduo não puder nem fugir nem se esquivar, desenvolverá o que chamamos de “contracontrole”, que significa retaliação e violência. Outra forma muito habitual de coerção é a chamada “profecia auto-realizadora”, isto é, o professor inculca as deficiências e limitações dos alunos, gerando uma expectativa antecipada de mau desempenho escolar. Se apenas sabemos fazer com que nosso aluno ou nosso filho se movimentem porque somos coercitivos com eles, isso demonstra nossa incompetência, pois só conhecemos esse repertório.

Existem outras formas de correção de comportamento sem que seja pela via da coerção. Eu gosto de citar dois pensadores para ilustrar esse ponto. O escritor e filósofo francês Jean Paul Sartre certa vez afirmou: “Não me importa o que fizeram de mim, o que me importa é o que vou fazer com o que fizeram de mim”. E o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss dizia: “Pare de olhar para trás. Você sabe onde esteve, precisa saber aonde vai.” Portanto, é inaceitável que os professores justifiquem seu comportamento agressivo, intolerante, árido e inflexível em sala de aula dizendo que foram objeto de práticas semelhantes, e que não podem mais mudar. O que importa é saber como se pode transformar esse comportamento.

Daqui por diante tratarei de apresentar algumas propostas de soluções para substituir a postura coercitiva dos professores, muito benéficas para o relacionamento em sala de aula. Como construir vínculos com os alunos? Apresento o conceito de “reforço positivo” - um método da psicologia do comportamento humano que substitui a coerção. A proposta da coerção tem como foco o comportamento indesejado e sua punição. Por sua vez, o “reforço positivo” objetiva o controle do comportamento indesejado e passar a reforçar comportamentos *desejados*. Cada vez que constituímos uma situação em que nosso aluno vá obter um ganho em função de um comportamento positivo que lhe é solicitado, estamos reforçando nossa relação com ele. Em contrapartida, cada vez que o ameaçamos, ele fugirá. A mudança de maneira como o professor se dirige ao aluno pode trazer resultados mágicos. Mas, para isso, é necessário romper com o paradigma que diz que as pessoas só se movimentam quando ameaçadas. Faça um exercício de memória e lembre-se de pessoas ou professores que te trataram bem e aquelas que te trataram mal. É claro que você adora as que te trataram bem e não gosta daquelas que foram más.

Outra forma de facilitar o relacionamento com os alunos é desenvolver as suas *habilidades sociais*. Eis uma lista de práticas verbais muito eficazes: fazer e responder perguntas; solicitar mudança de comportamento; pedir e dar “feedback”; lidar com críticas; opinar, concordar, discordar, justificar, elogiar, recompensar, agradecer, fazer pedidos, recusar; uso do humor. Há muitos professores que sequer usam os termos de polidez “por favor”, “com licença” e “obrigado” com os alunos porque estão condicionados a fazê-lo. As práticas não verbais são todo o comportamento corporal que deverá estar sintonizado com nosso comportamento verbal. As pessoas interpretam em primeiro lugar aquilo o expressamos com o corpo. Há, ainda, os comportamentos *cognitivos-afetivos*, que dizem respeito à adequação do comportamento a cada ambiente social - e a maneira como as pessoas o julgam.

A comunicação e suas distorções são fatores importantes no relacionamento com os alunos. O esquema básico da comunicação é: emissor, conteúdo e receptor. As distorções se dão quando há desinteresse no conteúdo, falta de compreensão e inabilidade de comunicação. O professor não conseguirá transmitir conhecimento para o aluno se este não estiver interessado.

Quando trabalhamos valores sociais humanos desenvolvemos muitos vínculos com os alunos em sala de aula. É aconselhável às escolas praticarem o hábito de fazer com que os professores, em algum momento do ano, promovam dinâmica de grupo com o tema “valores”. Em recente trabalho de consultoria, estabeleci oito “valores”, para serem usados um a cada mês ao longo do ano letivo, com os quais obtive resultados excepcionais.